



3 1761 07046028 2

Porto Carrero, Rui de  
Lisboa, Coimbra e Porto

PQ  
9050  
P6





TI

OBSERVATORIO

INFAN


ESCOLA E

1.º AN

33 -  
LISBOA, COIMBRA E PORTO

E

A QUESTÃO LITTERARIA



Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto

RUI DE PORTO-CARRERO

---

# LISBOA, COIMBRA E PORTO

E

A QUESTÃO LITTERARIA



LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

Rua dos Calafates, 110

---

1866

PQ  
9050  
P6





## I

Não estava, a nosso ver, em harmonia com a moderna civilização essa especie de indiferença que ha tempos a esta parte se nota na chamada — republica das lettras. O espirito que, depois da liberdade humana, deve estar cheio de vida, tinha um não sei quê de embaraço impedindo-lhe sua verdadeira luz.

A alma da nova geração tão pura e innocente como a doce e santa liberdade, quiz brotar o entusiasmo, essa flor acalentada no coração de toda a mocidade, que pensa e crê no futuro. A brilhante e rica aurora litteraria que está proxima a despontar para essas almas inspiradas do limpido e nobre amor ideal, não consentiu felizmente que, mais uma vez fosse pelos iniquos representantes da antiguidade, ultrajada a honra, o brio e o pundonor dos talentos que ora se cultivam.

E, assim como o acordar de um povo que, quer para sua patria o bello e vivificante calix da liberdade, tem sido, em todas as epochas, facto digno de occupar uma pagina distincta na historia da humanidade ; assim tambem é digna de respeito a altivez com que a mocidade de hoje se levantou contra as absurdas e supersticiosas idéas da antiguidade, contra os que não se envergonham de em pleno seculo xix abraçarem (em-

bora alguns o façam hypocritamente) o barbarismo, a escravidão... a mentira em fim.

Distinguem-se desgraçadamente hoje nos homens que compoem a sociedade litteraria duas especies de consciencias. Uma é a que o coração dirige ;— a outra é a da conveniencia.

A primeira é condemnada, por não obedecer aos papas litterarios, e bispos scientificos ;— por estar virgem de todo o leilão, baixeza ou acção deshonestas ;— por pensar livremente n'um paiz onde parece haver liberdade só para os homens, que já passaram pelos quarenta annos ;— por ter a coragem de não consultar mestre ainda mesmo quando fraca, quando moribunda ;— por alfim não precisar leme alheio, nem piloto que a dirija. A segunda é precedida pelas trombetas da fama ; por isso mesmo que, ella nunca desampara o lado para onde pende a maioria d'essa depravada sociedade, que adora mais as minas d'ouro de uma nação do que as ricas choupanas da virtude, da honestidade ;— porque são como os deputados ministeriaes de todos os ministerios, e como elles, embora tenham de escarrar na sua primitiva consciencia, não deixam de procurar as maiorias como ponto de gravidade, não temendo de mentir ao povo por isso mesmo que, cospem no diadema real.

Hoje em dia, estando assim constituida a republica das letras, abraçando seus membros na maior parte a conveniencia, — por consciencia ; não nos admira que sejam julgadas absurdas e despropositadas as idéas boas, sãs, e verdadeiras. São assim recebidos entre nós, os puros, os humildes que adoram o povo, essa camada do genero humano que é muitas vezes (se não sempre) a mais aristocratica em honradez, em probidade, em sentimentos.

Está na opinião de todos bem averiguado que, o homem de merecimento é grande, mas, só quando sua

alma se não reveste d'essa vil aristocracia e soberba que não deve, nem póde por muito tempo existir n'um seculo governado pela democracia.

Não é a primeira vez que assim penso, nem o será a ultima. Esta doutrina que nasceu commigo, — commigo morrerá.

« No que houver de apreciar, — dizia eu em 12 de agosto de 1865 <sup>1</sup> — não respeitarei os palacios dos grandes, como tambem a minha penna não roubará para os ricos os louvores que forem devidos aos populares, pelas suas boas acções.

« Se ha ahí alguém que imagine que eu respeito os aristocratas unicamente por o serem, esse alguém engana-se: — porque pela nobreza dos actos é que eu entendo que se devem respeitar os homens, e não pela riqueza ou fidalguia, que em muitos casos pouco mais significa do que capricho da fortuna. Será para mim constante esta doutrina.

« Que me importa que seja um homem pobre, tendo por vestuario alguns farrapos, e por alimento as migalhas caidas de mesa opulenta, as quaes submetto ajuntou, se esse homem praticou uma acção boa, e a occulta ou desmerece quando lh'a querem remunerar? — Para mim, um mendigo d'estes é mais digno de respeito do que aquelles que, tendo palacios carregados de oiro, nem um real offerecem, de vontade, a seus *similhantes* — *eguaes e irmãos*... Sim, *irmãos*... vós o sois, ainda que vos peze, d'aquelles que, pedindo-vos esmola para uma fatia de — pão, — isso mesmo... negaes muitas vezes!... »

Fez bem pois a mocidade em despedaçar esses orgulhosos que, olhavam para os innocentes, com avidez.

<sup>1</sup> Em folhetim publicado no n.º 191 da *Persuasão*, folha mi-chaelense, que faz honra á imprensa portugueza pelo atticismo e urbanidade da phrase que emprega. THE LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

Não nos voltemos para o passado, tenhamos esperança no futuro.

Os homens que viveram nos seculos posteriores á transformação ou reforma social não podem desenrolar véo humanitario tão puro e santo como os que, os succederam. No tempo em que o espirito humano não amanhcia, em que as trevas da escravidão era o campo onde se amassava o corpo e dilatava a alma ; — que podem responder ao futuro, a esse juiz supremo e severo, os povos que assim passavam seus dias amargurados e soffredores.

Que fizestes de milhares de vossos irmãos? perguntará o futuro imparcial e sempre justo, aos que hoje — no seculo dezenove — conservam as idéas d'aquelles barbaros...

Atrever-se-hão esses miseraveis a dizer a verdade? ousarão tocar n'esse dom santo com a venenosa mentira? Não: ficarão silenciosos no tumulto dos infames, banhados pelas aguas do rio Lethes.

Hoje em dia, já não ha d'estes animaes, indignos do nome de homens, n'este nosso cantinho do mundo, chamado Portugal. Ha-os lá fóra, na Russia, na Hespanha e em outras partes do mundo. Que o diga a malfadada Polonia ; e ainda infelizmente essa nossa vizinha que, está luctando contra elles...

Não queiram porém, os portuguezes com as pedras do novo despotismo amachucar, pisar e destruir em fim essa liberdade que nasceu com a individual: — a liberdade da consciencia.

## II

O mesmo que um distincto escriptor francez escreveu a respeito de Mr. Jacques Delille, podemos dizer

do sr. Feliciano de Castilho. Diz elle (depois de em parte seguir a opinião de Seneca já abraçada pelo nosso Vieira de que «saber o que os antigos sabiam, não é saber, é lembrar-se») o seguinte:

« Mr. l'abbé Delille jouissoit de la plus haute reputation s'il eût composé de lui-même au lieu de traduire *et imiter* et s'il eût traité des sujets plus intéressants. »

Ninguem se deve levantar a condemnar as obras do sr. Castilho, porque segundo os seus amigos e adversarios lá têm o bello e admiravel estylo que as salva, que mesmo as recommenda. É de advertir que, n'este ponto não concordamos com o sr. Anthero do Quental, quando no appendice ao folbeto que ultimamente publicou <sup>1</sup> diz que, as obras do sr. Castilho á excepção do drama *Camões*, perdem todo o valor por não terem uma idéa, um pensamento que, nascesse com ellas.

Occasiões ha em que, é melhor ter um bello estylo, saber usar d'elle admiravelmente, do que, ser operario de grandes idéas e não as saber expor, explicar, nem apresentar, como desgraçadamente acontece a alguns, embora distinctos poetas, quando escrevem em prosa.

Se o sr. Quental dissesse que, as obras do sr. Castilho não podem passar á posteridade por isso mesmo que, não têm uma idéa com vida, um pensamento novo e uma crença firme, inabalavel e duradoura, não contestariamos; porque estamos convencidos que nenhuma d'ellas será immortal como os *Luziadas*, ou como *A Historia de Portugal* do sr. Alexandre Herculano. São estas que vivem sempre, e quasi que, quantos mais annos são decorridos, tanto mais se estimam. São das letras, as Palmiras, as Thebas do occidente,

<sup>1</sup> *A dignidade das letras e as litteraturas officiaes.*

Palmira só ruínas nos offerece  
Mas Ilion em ruínas s'enobrece!

E a nossso vêr, o sr. Herculano quer o considerá-mos como poeta, quer como prosador, é mais feliz do que o sr. Castilho.

Não é ter *estyllo* e fama alcançar tudo:  
Que isto engana mil vezes a vontade,  
Consiste a paz, a vida, em outro estudo.

O sr. Herculano, reúne ao bello *estyllo*, o grande merito que só dá o genio; isto é: o nossso primeiro historiador moderno é poeta mesmo escrevendo em prosa, se é que todos, sem hypocrisia, concordam comnosco de que, poetas só são essas grandes almas que têm sentimento, amor, e que pensam.

Ainda não podemos conceber como se pôde subjugar a poesia a certas e determinadas regras; como se pôde obrigar a um poeta profundamente inspirado que, conte uma por uma as syllabas que, já, para assim dizer, vêem promptas d'alina; como é possível, repetimos, crucificar qualquer d'estas aguias da idealidade a um baixo, acanhado e mesquinho vôo.

O *Tratado de Metrificação* de que o sr. Feliciano de Castilho é auctor e que tem sido bem aceito, *segundo diz o sr. Julio de Castilho*<sup>1</sup>, *pelos portuguezes de Ponta Delgada, os portuguezes de Leiria, os portuguezes de Coimbra, os portuguezes do Porto, de Porto-Alegre no Brazil, os portuguezes do Rio Grande, e as sociedades portuguezas, brazileiras, francezas, romanas, e os Institutos e as Academias, e todos etc....* entendemos nós, que esse livro veio fazer um grande mal á verdadeira poesia; veio augmentar o numero dos maus poetas, corromper e envenenar os bons; que para o serem,

<sup>1</sup> No seu folheto: *O sr. Antonio Feliciano de Castilho e o sr. Anthero do Quental*, a pag. 29 e 30.

até alli, não tinham necessitado de regras de metrificacão, *com visualidades infantis e puerilidades vãs* <sup>1</sup>.

É por causa d'esse bello livro que, hoje todos que escrevem duas ou tres semsaborias em fórmula de verso, e que não se affastem nem um centimetro da medida imposta pelo sr. Castilho á poesia, recebem logo diplomas competentemente assignados por homens que, querendo que se lhes respeitem as cans, deviam tambem pensar melhor.

Ha prosa tão elegante, d'um pensamento tão elevado e ornado de estylo sublime e vigoroso que, fica muito superior no verdadeiro paraíso de bom-gosto e bom-senso, a muito dos poemas que, ao presente por ahí se escrevem e se publicam.

Quem tiver lido obras de Mad. de Clermont e de Mr. Delille achará n'ellas um quer que é de similhante; parecerá mesmo que, algumas são imitação; mas essa rapida apparencia decifra-se logo. Conhece-se então que as mesmas idéas, e quasi que expressas do mesmo modo na prosa de Mad. Clermont, como em alguns poemas de Mr. Delille, têm um estylo tão sublime ao passo que singelo, que não se póde bem provar qual dos dois escriptores, mais preciosas perolas arranca da imaginação.

Podemos inda entre outras <sup>2</sup> citar as *Memorias além do tumulo*, de Chateaubriand; e em Portugal o *Eurico* do sr. Alexandre Herculano, livro ou album de idéas sublimes onde a par d'um fluente, claro, diaphano e brilhante estylo, se descobre o verdadeiro poeta envolvido no manto das paixões humanas, sentindo sua alma ainda pura, e devorado n'uma crença virgem!

Sente, para assim dizer, no intimo um amor mais

<sup>1</sup> *Bom senso e bom gosto* pag. 11.

<sup>2</sup> Estou certo que, em outras obras isso mesmo se notará, e se as não cito é, por que não tenho o costume (hoje em moda) de fallar de livros que, inda não li.

fino e bello : foge para onde a estrella da sua vida lhe indica, e exhalando novos aromas, novos prazeres, n'esse novo paraizo do ideal : — chega a descrever da humanidade, da terra que lhe deu só agonias, e morre ; — mas morre, tão puro e tão innocente, como nasceu ; — abraçado ao seu ideal e com os olhos fictos no azul dos ceos !... Não falta em Portugal tambem quem escreva romances ; mas são raros os que merecem o nome de romancistas ! — Parecerá isto aos que, se julgam mais *sabios* do que são ; — um absurdo. Tão cheios de impostura como vasios de juizo, dirão : *Pois, quem escreve romances, não é romancista ?* — Nós só lhes responderemos : Não.

É, aos que escrevem como o sr. Camillo Castello Branco, esse grande romancista que o Porto se honra de possuir e que o Minho tem por cantor de suas bellezas, que nós chamâmos e considerâmos verdadeiros romancistas. É nas obras d'este original escriptor que, se encontra sempre um estylo que não cança, e que não é inferior a essa poesia que immortalisou Chateaubriand.

A prosa que devoramos nos romances do sr. Castello Branco, temol-a por poesia ; e a razão é, porque os pensamentos são tão elevados, os paineis em que elle nos pinta as naturaes bellezas e os costumes campestres, ostentam louçania tamanha, que, a nossa alma vê alli a inspiração do poeta, occultar-se modestamente nas linhas da prosa !

E o poema nem por isso perde a belleza ; nós, pelo menos, crêmos que, onde ha mais naturalidade e simplicidade é exactamente onde existe a poesia.



III

Não muito depois da publicação do nosso humilde folheto, appareceu na *Gazeta de Portugal* <sup>1</sup> um folheto, assignado pelo sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos, em que este distincto escriptor dava sua auctorizada opinião, a respeito da questão litteraria entre as escolas de Coimbra e Lisboa. Mais uma vez o sr. Vasconcellos mostrou com a fina e delicada critica que tanto o distingue, quanto mais digna e vantajosa é a prudencia do que a audacia.

Muitos escriptores assim pensam, e, com quanto não possamos apresentar aqui a opinião, nem mesmo de alguns dos que já alguma coisa temos lido; não deixaremos de citar um dos mais bem dispostos capitulos do romance de Walter Scott — *Quentin Durward*. Ha n'elle duas personagens, uma Louis de Valois <sup>1</sup>, excessivo em prudencia e quasi um tanto supersticioso; o outro Charles-le-Temeraire <sup>2</sup>, propriamente o que se chama homem corajoso, capaz de praticar um grande crime, como em outras occasiões de arriscar a vida para ser auctor de uma boa acção.

O elegante romancista depois de admiravelmente sustentar em dialogo apaixonado e violento, esses dois homens de genios oppostos, apresenta-os em duello.

Bem sabemos que, não está no caso esta questão que, não é, ou pelo menos não devemos considerar, senão puramente litteraria; e sentimos que, o sr. Ramalho Ortigão no seu folheto, quizesse vêr n'ella, uma especie

<sup>1</sup> *Gazeta de Portugal* n.º 929, de 27 de dezembro de 1865.

<sup>2</sup> Parece-me que, são estes os nomes que W. Scott apresenta no seu romance. Não affirmo porque cito de memoria, e, ella é fraca.

de covardia da parte do sr. Anthero do Quental <sup>1</sup>. E se tal covardia existisse da parte do sr. Anthero, não tememos de affirmar que mais torpe e deshonesto acção lhe daria causa....

Mas, como diziamos, a prudencia que até certo ponto leva vantagem sobre a audacia, não póde, nem deve consentir que seja manchada a dignidade, a consciencia de qualquer homem. Foi, sem duvida, o sr. Vasconcellos quem melhor deu a conhecer a questão suscitada, porém, o sr. Anthero não viu n'aquellas palavras um tanto ásperas, um conselho, mas sim um insulto á sua *dignidade de escriptor, de homem independentissimo* <sup>2</sup>. A uma critica mal pensada e em linguagem vehemente, duas estradas se abrem ao criticado e que se julga offendido. Não foi a mais prudente que o sr. Quental escolheu, mas, a que todo o homem que tem uma consciencia, e que não quer que a manchem, deve seguir.

Que querem dizer em portuguez, estas bem portuguezas palavras :

«... se d'aqui a dez outomnos ou dez invernos (nem tanto é preciso) nenhum delles <sup>3</sup> ha-de ser tão milagrosamente ditoso que approve em cheio e á carga cerrada tudo quanto hoje faz, e concorde em tudo quanto pensa, que lhes fez a critica, senão anticipar-lhes de certo modo a experiencia <sup>4</sup>?...» Sejamos justos. Se *d'aqui a dez outonos ou dez invernos* nenhum d'estes tres mancebos, *por milagre*, como diz o distincto escriptor, reprovarem o que hoje escrevem, com que face se poderiam apresentar, de não terem protestado

<sup>1</sup> *Litteratura d'hoje*, pag. 36.

<sup>2</sup> *Bom senso e Bom gosto*, pag. 3 e seguintes.

<sup>3</sup> Allude aos srs. Anthero do Quental, Theophilo Braga e Vieira de Castro.

<sup>4</sup> *Poema da Mocidade*. — Critica litteraria pelo sr. A. F. Castilho — pag. 114.

contra esta especie de insulto com apparencias de critica amigavel?

Respondam-me os homens que, tanto respeitam a honra e a dignidade em *creança* <sup>1</sup>, como em idade avançada. Não é audacia, nem atrevimento, o querer arredar para bem longe os insultos, feitos á consciencia.

Além d'isso, o enthusiasmo na mocidade é contagioso, como já disse V. Hugo. E, seria mais louvavel que, esses dois talentos da nova geração se conservassem na prudente indifferença, ou se curvassem submissos aos suppostos conselhos, do respeitavel ancião a quem não reconhecem como piloto das consciencias alheias? Cremos firmemente que, não.

Ha n'esta questão litteraria um factó digno de menção e com apparencias mysteriosas. Como todos os que lêram o artigo de critica litteraria do sr. Castilho sabem, não se fallava só dos srs. Theophilo e Anthero como pertencentes ao independente gremio de Coimbra. Tambem alli apparecia o nome de Vieira de Castro.

É para admirar que as mesmas palavras julgadas offensivas para os srs. Theophilo e Anthero, nem de leve ferissem o brio, o pundonor do sr. Vieira de Castro...

Não queremos ser juiz do procedimento do illustre deputado da nação, o sr. Vieira de Castro. S. Ex.<sup>a</sup> que tome por juiz, a sua propria consciencia.

No que temos até aqui escripto, principalmente n'este capitulo, parece-nos que nenhuma palavra se pôde tomar como offensiva, e se fazemos esta declaração é para que se não julgue que não distinguimos a critica delicada e propria de homens que se respeitam; da que além de grosseira, é cobarde.

<sup>1</sup> Hoje em dia, uns chamam *creança* aos animaes racionaes de vinte e tantos annos; outros julgam-os já velhos!

IV

Mania foi sempre a dos portuguezes terem repugnancia ou antes indifferença pelo que, se passa na republica das lettras. Isto que, ainda desgraçadamente se dá em outros paizes civilisados, vae-se tornando entre nós menos sensivel. Nem podia deixar de assim ser. « Este seculo, muito bem disse Lopes de Mendonça, é o seculo de todas as vocações — o seculo de todos os contos — o seculo aonde relutam todas as crenças e que por isso pôde enriquecer todas as lyras. »

Tentando fallar do folheto que o sr. Ramalho Ortigão acaba de publicar na cidade do Porto, debaixo do titulo: *Litteratura d'hoje*; não é nossa intenção por muito mais tempo cançar a paciencia dos leitores. Apenas tocaremos de leve em alguns pontos, dizendo em primeiro logar que o sr. R. Ortigão censura o sr. Feliciano de Castilho algumas vezes injustamente. O mesmo faz em quanto aos srs. A. Quental, e Braga

Outra coisa ha a notar no folheto do sr. Ortigão e é que, até pag. 35 censura asperamente o sr. Feliciano de Castilho e os que seguem suas idéas; e d'ahi até ao fim do folheto é uma continuada descarga contra todos os escriptores de Coimbra; chegando em certas occasiões a censurar o sr. Anthero por ter usado de linguagem grosseira na carta que dirigiu ao auctor do drama *Camões*. Quem tiver lido a carta do sr. Anthero e as 35 paginas do folheto do sr. Ortigão, não pôde de certo tomar a serio a censura que, este segundo escriptor, dirige ao primeiro.

Deixando ao leitor curioso estes reparos, entraremos na materia que nos levou a fallar d'este novo folheto. Diz o auctor da *Litteratura de hoje* <sup>1</sup>:

<sup>1</sup> A pag. 45, e depois de ter escripto o que abaixo transcre-

— «Ha dias, seis estudantes do *Quartier-Latin*, enfastiados da ultima canção de Mademoiselle Thereza, da ultima ceia e da ultima polka, pegaram em si e passaram-se do Mabilie para o congresso de Liège, celebre reunião de sabios, incipientes, com os quaes Victor Hugo por coisa nenhuma do mundo se quiz acamaradar, e a cujo gremio muito extranhei que o sr. Anthero do Quental não levasse a luz do seu engenho empañada pela desconsideração da patria.»

Mais abaixo, diz ainda o sr. Ortigão :

— «A imprensa deixou a infancia tagarellar á sua vontade em Liège, e não disse uma palavra ácerca das *idéas novas* expostas alli pelos representantes do *Quartier-Latin*.»

Mostraremos como o sr. Ramalho Ortigão, profanou o sagrado altar da verdade, escrevendo estas palavras. Mal informado estava, ou quiz estar, quando as lançou ao papel.

É notavel ! O sr. Ortigão que, em algumas paginas do seu folheto mostra render culto á liberdade da consciencia, quando chega a paginas 45 revolta-se contra essa mesma liberdade. Como póde ser reunião de *sabios incipientes*, aquella, a que concorre mocidade de todos os paizes liberaes ? — Como se pódem chamar *sabios incipientes* aos obreiros da mais santa e tutelar divisa d'este seculo — Liberdade.

Vergonha foi que, Portugal se não fizesse representar n'aquelle congresso das mais nobres e santas idéas.

É falso... é falsissimo que, *a imprensa de Paris não*

vemos a respeito de ter dito o sr. Quental no seu folheto — Bom senso e Bom gosto — que não é em Lisboa que se pensa mas sim em Paris, em Londres e em Berlim : « Tomando para exemplo e confronto a primeira das cidades pensantes da referencia do illustre academico, mostrarei claramente a s. ex.<sup>a</sup> como é que em Paris se entendem e apreciam as obras dos Quentaes que, por lá assim como por cá, rebentam de quando em quando.»

*dissesse uma palavra ácerca das idéas novas expostas no congresso de Liège.*

O sr. Ramalho Ortigão não póde ignorar que, a imprensa liberal de todos os paizes civilizados, por bastantes vezes louvou a mocidade de Liège, pela grandiosa idéa, que levaram ávante. Os jornaes de Paris *disseram mais que uma palavra* a respeito das *idéas novas*, e tanto assim é que, parte da imprensa portugueza da capital e provincias sobre o assumpto, artigos d'elles transcreveram.

Victor Hugo e muitos mais homens distinctos da França, Inglaterra, Allemanha e outros paizes, foram convidados, pela mocidade para assistirem ao congresso. É verdade que, poucos foram d'esses escriptores que assistiram pessoalmente, porém ninguem (se não talvez o sr. R. Ortigão) ignora que todos os que receberam convite, e que não podéram assistir, dirigiram cartas muito honrosas á commissão do congresso. Essas cartas publicadas em jornaes estrangeiros e transcriptas pelas que mais honram a nossa imprensa, são prova de que a idéa, a grandiosa idéa que presidiu ao abraço fraternal da nova geração, foi bem aceita pelos mais distinctos escriptores e poetas modernos.

E, para que não haja quem duvide do que levamos escripto n'este capitulo, transcrevemos o officio que a commissão local dos estudantes de Bordeaux dirigiu á redacção da *Voz Academica*, folha dedicada á classe estudiosa, e da qual sou o mais humilde proprietario e redactor.

Eis o officio <sup>1</sup>:

<sup>1</sup> A razão de estar suspensa durante as ferias, a publicação da nossa *Voz Academica*, e não podendo nós, deixar de fazer publica á mocidade das aulas portuguezas a deliberação que os estudantes de Bordeaux haviam tomado; o nosso amigo e collega na redacção, o sr. Luciano Cordeiro, pediu aos directores dos jornaes da capital espaço para este attencioso officio, o qual

— «Bordeaux, le 27 setembre, 1865.

A monsieur le rédacteur en chef de la *Voz Academica*, de Lisbonne.

Monsieur le rédacteur en chef ; Monsieur Gobert le vice president de la commission permanent du congrès international des étudiants qui doit s'ouvrir bientôt à Liège, vient de nous annoncer le prochain passage à Bordeaux des étudiants portugais qui doivent se rendre à cette grande réunion. Il nous engage à nous mettre de suite en relation avec eux, à leur offrir de se joindre à nous à Bordeaux, pour demander collectivement à la compagnie de Orleans, dont ils sont obligés comme nous de pendre la voie ferrée, une diminution dans le prix des places. Nous n'avions pas besoin de son imitation pour faire, cette démarche auprès des étudiants portugais. Ils ont été les premiers à repondre à l'appel de nos frères de Liège <sup>1</sup>.

C'est un beau titre à notre estime et à notre admiration. Au nom des étudiants gerondins nous sommes heureux de leur dire qu' à leur arrivée a Bordeaux,

foi publicado no n.º 887 da *Gazeta de Portugal*, e transcripto em outras folhas do continente.

<sup>1</sup> No n.º 17 da nossa *Voz Academica*, correspondente a 7 de Julho de 1865. dizia assim o artigo principal debaixo da epigraphe: — A nos frères des Écoles Belges :

« Frères

« La jeunesse studieuse de ce bon pays portugais, a reçu avec le plus vive enthousiasme la noble e grand idée de l'unification des étudiants de tout le mond.

« Nous, le peuple des écoles, qui sommes destinés aujour-d'hui à marcher dans l'avant-gard des peuples, pour répondre la lumière, nous ne pouvons pas rester indifferents à l'esprit d'association qui est la force, et à l'esprit du progrès, qui est le phare des peuples dont la vrai liberté c'est l'evangile politique.

« La *Voz Academica* organe de la classe studieuse portugaise, ouvrier infatigable des grandes œuvres, apôtre ardent des grandes idées vient s'enrôler dans vos rangs et combatre por l'étandart que vous avez si dignement deployé dans cette terre que nous aimons comme à une sœur bien chérie. »

ils recevront de nous l'accueil le plus cordial et le plus empressé. Ce serait avec joie que nous nous verrions réunis ensemble et que nous partirions avec eux pour le congrès de Liège, qui doit consolider la fraternité de la jeunesse de tous les pays.

Persuadés que vous ferez connaître aux étudiants portugais de nos sentiments à leur égard, nous vous prions, mr. le rédacteur en chef, de recevoir personnellement l'expression de nos sentiments de haute considération et de reconnaissance. Au nom des étudiants gerondins — *Lafargue*, étudiant en médecine — *Aproud-homme* — *Bordey*, élite de l'école central — *P. A. Del-boy*, étudiant en droit — *Besson*, etc.»

Todo aquelle que fôr liberal por convicção não pôde deixar de lamentar profundamente que um filho da cidade do Porto, d'esse berço da liberdade e das grandes idéas, se levante a condemnar o movimento da intelligencia, insultando a geração a que pertence, por ter exposto suas idéas, por ter prestado homenagem à liberdade da consciencia, à liberdade dos cultos.

Chamar *tagarellas*, *creanças e sabios incipientes* aos operarios da nova civilisação, aos apóstolos da grande idéa de fraternidade, aos jovens que crêem no futuro e amam o trabalho; é coroar as revoluções em que se derramava sangue; é querer apresentar por guia ao presente, ao futuro, as ignorantes, ridiculas e risiveis idéas da antiguidade; é alfim querer, sem motivo, enterrar-se no lamaçal do ridiculo, e esperar pelas gargalhadas dos Mephistopheles!

Em muitos pontos concordamos com o sr. Ramalho Ortigão, sendo um d'elles, quando a pag. 32 do seu folheto, censura o sr. Castilho por ter escripto estas palavras: « Lá brigar não brigo, que tenho mais que fazer: » É assim que o sr. Castilho entende a leal discussão. O tempo não lhe falta para accusar, mas diz que tem mais que fazer quando não se pôde defender!



Esta é a verdade, amarga sim, mas, — é a verdade...

É mister concluir. Tres ou quatro mezes são passados depois que, rebentou esta revolução intellectual, e ainda não se faz esperar a paz; porque nunca se devem abafar agitações que, têm por fim sustentar no campo da verdade, as liberdades uma vez alli firmadas. Esta nova especie de despotismo e oppressão, que suffocava os talentos juvenis, não podia continuar. É a egualdade, a independencia que, a nova geração quer legar ao futuro. A pura democracia é a divisa d'este seculo, a eila se devem sujeitar os que n'elle vivem. O grande pensamento de novas idéas, é o problema do futuro, por que não quer ser espelho do passado!

O leitor pesará estas minhas reflexões, eu só lhe peço, não benevolencia, mas justiça para os meus dez-oito annos.

25 de janeiro 1866.

RUI DE PORTO CARRERO.



A

CARTA DO SR. ANTHERO DO QUENTAL

ANTE

OS SRS. PINHEIRO CHAGAS, M. ROUSSADO  
E J. DE CASTILHO

(2.<sup>a</sup> EDIÇÃO)



## PALAVRAS NECESSARIAS

Je sais que, je ne sais rien  
*Socrates.*

Ha quem diga que as crenças juvenis se devem abafar, que se deve negar a publicidade aos escriptos da mocidade estudiosa, como se não fossem elles sempre, a torrente mais pura, mais vivificante de cada época, onde nos proprios erros se encontra a força da—Verdade.

Tenho para mim que o *bom-senso* é o director da vida em todas as idades, e o *bom gosto* é o instincto de conhecer o bello.

É a razão por que escrevi estas linhas, e as apresento em publico.

Desde o momento em que não se ataca o homem, cessa toda a responsabilidade de offensa.

Os srs. Pinheiro Chagas, Manuel Rousado, Julio de Castilho e Anthero Quental, são os quatro escriptores a quem peço perdão do atrevimento.

Respeito-os como homens, tenho que fallar contra os primeiros tres, apesar de lhes reconhecer aturado estudo, e fertil talento.

Sou o primeiro a confessar minha humildade, mas não cedo a ninguem a força que tenho na raiz da consciencia.

É o coração e o espirito que tenho fraco, é a penna que ainda creança treme!

Mas aonde ireis buscar oiro, que primeiro não fosse terra? Que arvore dará fructo que primeiro se não cultivasse? Que podia dar a terra se o camponez d'ella se esquecesse?!

E demais, as palavras que escrevi como epigraphe d'estas linhas não estão alli inutilmente.

Não venho aqui defender ninguém.

Devia, sendo este um dos primeiros ensaios da minha fraca penna, pedir a alguém competente que o revisse. Não o fiz. Estou certo pois, que incorri em muitas faltas e erros.

## I

Não compete aos nossos humildes talentos o gerar a resposta de tudo o que por ahi se tem escripto contra a carta dirigida pelo auctor das bellas *Odes modernas* ao ex.<sup>mo</sup> sr. Feliciano de Castilho.

Nem nos parece que, taes absurdos mereçam consideração das pessoas sensatas e amigas da verdade. Reconhecerão, como nós, que só o fanatismo de alguma cabeça exaltada, podia guiar a penna que rabiscou essas enjoativas palavras que, por ahi correm avulsas em folhetos e folhetins!

Se o nosso povo não fosse ainda tão ignorante e portanto facil de illudir por aquelles que, dizendo-se seus amigos lhe offerecem *fel* por *mel*; se não conhecessemos todos os aparvalhados escriptores, que se dizem defensores da Religião de Christo, para ver se tendo essa divisa alguem lhes dá attenção; — se finalmente não soubessemos que o que elles querem é, abafar e envenenar a liberdade da consciencia, fazendo apodrecer a honra:—nós não viriamos a este campo.

Mas, como o fim d'elles é esse; aqui estamos promptos a derramar a ultima gota do sangue de nossas veias, que é tão leal e puro como peçonhento é o d'esses inimigos da verdade e da ideia.

E reparem que não temos na face a mascara da hypocrisia. É, porque nunca curvamos os joelhos perante os *ídolos* que adoraes. Esses morcegos em forma humana dizem o que não pensam; ouvem o que não se diz !...

Os homens generosos devem perdoar-lhes. Coitados, teêm a vista tão elameada como o juizo e a consciencia !

Onde iria o sr. Pinheiro Chagas *colher* tanto odio, aos apóstolos da *Verdade*, da *Ideiu* e da *Liberdade* ?

Quem lhe metteria no cofre da intelligencia, que em um homem fallando mais alto do que os seus *ídolos*; em apresentando novas idéas, já de si grandes;—quem lhe diria, repetimos, que esse homem é um *revolucionario*, que é um *impostor*, e que o seu alvo é a Religião do Estado.

Questões que, só ao vigor do raciocinio se podem dignamente incumbir, não as trataremos nós. Poderemos no entanto argumentar.

A religião, qualquer que ella seja, poderá ser imposta por um governo a todo um povo?... Podem os poderes publicos, obrigar aos cidadãos de um paiz livre que sigam esta ou aquella religião?!...

Parece-nos absurda, resposta affirmativa !

A lei que, regula a Religião, é a propria consciencia de cada um, é a fé que, nos obriga abraçar a que escolhemos.

E tanto assim é, que Deus, não deixa de ser juiz d'aquelles que não seguem ou fingem não seguir a sua religião.

É a religião de Christo a sã, a boa, a verdadeira ; é essa a que o povo portuguez na sua generalidade segue, e unicamente por isso se chama — Religião do Estado.

Não venham pois os hypocritas, de espada em punho defender o que ninguem combate ! Não se enfu-



reçam os honrados generaes que ninguem rouba ao paiz, em que plantaram a encorporada arvore da Liberdade: — a Religião de seus maiores.

Não é este o assumpto principal d'este capitulo, e por isso o deixaremos.

Muitos admiram-se que, de tempos a tempos, os escriptores atirem lama uns aos outros!

Não é objecto para tanto espanto, porque em todas as epochas, ha escolas que precisam d'essas *sangrias*, na verdade, pouco decentes. Mas, sr. Pinheiro Chagas, que querem dizer essas palavras, que escreveu no folhetim d'um dos ultimos numeros do *Jornal do Commercio*, referindo-se á carta do sr. Anthero do Quental! Que destempero foi esse! Vejo alli muita pimenta e pouco ou nenhum sal.

A desculpa hade naturalmente ser, que nem sempre se prova de *bom gosto*! Quer isto dizer, que tendo regabofe n'aquelle dia o cosinheiro, apurou a cassarola só parvoices!

E, na verdade, lamentei bastante que, para enodar a fama litteraria do *jardineiro* do *Poema da Mocidade*, apparecessem á clara luz do dia, umas tão negras nuvens do talento do sr. Chagas!

Os pesames e só os pesames lhe pôde dar quem sempre o admirou em outras producções.

Para que, disse das *Odes Modernas* de Anthero do Quental *palavrinhas* que, nem Mofoma, se atreveu a dizer do toicinho?! — Para que consentiu que se lançassem no seu livro de versos *limadinhos* e *janotas*, uns certos periodos carregados de inveja?

Anthero do Quental, activo e dedicado apostolo da Liberdade, sentiu estalar-lhe o coração ao ler esses periodos e não pode levar em silencio a cobarde bofetada dos calumniadores.

Foi por isso que elle, qual outro Moyses, fez descer, não pragas de gafanhotos e moscas, mas, rochedos do

templo da Verdade, que anniquilaram o ridiculo edificio do *elogio mutuo* <sup>4</sup>.

Em convulsões ficaram logo os que ahi se abrigavam, fiados nas cem boccas da fama!... Coitados dos pobres.

Coube ao sr. Pinheiro Chagas, representar o mais ridiculo papel que se póde imaginar! — Teve por espectadores todos quantos leram o seu folhetim. Oxalá que a penna de tão distincto escriptor não tenha segundo *mau successo*!

## II

Na carta do sr. Anthero do Quental, diz-se que a escola, chamada de Coimbra: *quiz innovar*.

Seria tão assustador o grito que o sr. Chagas deu ao ler estas *duas palavras*, como o que dizem, fôra dado pelos Perganiotos ao apparecerem os Turcos nas alturas do monte Pezovolos?... Eu sei lá!... *Quiz innovar!*... A escola de Coimbra a querer *innovar* o que o sr. Chagas nunca *innovou!*... que grande atrevimento...

Julgo, não haverem em os nossos tribunaes juizes, com animo de proferirem a sentença d'esses grandes *innovadores!*!...

Será necessario um magistrado chinez, russo...

Aqui o grande peccado é não se saber, o que é *imitar*. Leiam pois, em alto e bom som, a pag. 8 da *Revolução Françeza* de Mr. Thiers as seguintes linhas: «Imiter Racine ou Shakspear, être classique á l'école de l'un ou á l'école de l'outre, c'est toujours imiter, et imiter, c'est n'avoir pas du genie.»

Não precisavam ir tão longe, para saber o que é *imitar*. Perguntem a alguns dos nossos auctores dramati-

<sup>4</sup> Já alguém disse que, o facho da verdade apaga muitas vezes o brilho da gloria.

cos, onde vão buscar o *summo* e a *calda* de suas obras! E' natural que lhes não digam o titulo do drama ou comedia fanceza, que *provaram innocentemente*.

Ouçamos o que nos diz V. Hugo :

«Les auteurs excellents, anciens e modernes ont toujours travaillé seuls, et voilà pourquoi ils sont excellents.

«Les reputations dans l'opinion publique sont comme les liquides de differents poids dans un meme vase.»

Estas significativas palavras d'um dos maiores genios d'este seculo, mostram bem claramente do que valem as reputações litterarias de alguns escriptores e poetas que vivem á sombra do elogio, e encostadas á infructifera arvore da Fama.

A poesia de hoje não tem aquelle cunho de belleza; não mostra o delirio;—não conhece o sentimento!—E a belleza deve ser núa como a verdade:—o delirio não consente grilhões:—e nada ha mais sublime, mais bello e mais poetico do que a expressão do sentimento natural.

Não considero digno do nome de—poeta—senão aquelles que, nas suas produções mostram ser os traductores dos sentimentos que inundam a alma da sociedade do seculo em que vivem.

Estes sim, estes é que são poetas, porque só elles podem acertar no alvo da emanação divina, e sondar os segredos da natureza.

Já o disse e repito.

O que é a poesia senão a historia?... O que é a historia da epocha senão a poesia?...

Ha a historia da nação, que é a memoria do passado !  
Ha a poesia da epocha, que é o espirito do seculo !

Os fins da poesia, entendo que são estes. E por assim pensar é que não posso chamar poeta, áquelles que, embora apresentam resmas e resmas de papel em bello estilo, não nos deixam ver uma idéa nova, um pensamento !

Onde está a poesia popular, essa poesia tão nossa?  
O indifferentismo tudo corrompe.

Não me dirão que interesse offerece o *Poema da Mocidade* do sr. Pinheiro Chagas!

Lanço os olhos para a antiguidade, e encontro poemas que ainda hoje se admiram. E porque?

O brilho d'aquelles diamantes de nossas façanhas ornaram ainda os pobres horisontes da poesia... E porque? As ruínas d'esses monumentos cada vez mais se ennobrecem... E porque?...

Acaso o sopro divino que inspirou o poeta de *hontem* não se encontra no de *hoje*?... Será possível que a *inspiração*—se transformasse em *officio*?...

Os poemas de outr'ora eram inundados de sentimentos naturaes e verdadeiros. Eram, para assim dizer, o espelho do seculo.

Os de hoje, o que são?... Não me perguntem, que tenho *dó* de dizer que a maior parte são: *os fogos de artificio dos livros em verso: a colheita das flores de todos os jardins de Portugal:—os restos das velas que alluminam Santa Semsaboria: exemplo: Poema da Mocidade!*...

Eis aqui o que em Lisboa e em quasi todas as partes do reino se chama Poesia.

### III

Emquanto muitos passeiam pelo campo, escutando as ondulações e doces trinados da orchestra composta de avesinhas; emquanto o sol espalha a claridade de seus dourados raios pelos campos que verdejando, guardam no seio de suas florinhas o orvalho;—emquanto alguns dormem o somno de indiferença, eu a sós rogo á Providencia que, não se realise a minha prophecia!...

Sabem qual é? Tenho um presentimento de que o sr. Pinheiro Chagas em breve será o chefe da moderna familia dos Menenos! — Deus o livre de tal.

Deixemos esses *agouros*, vamos ao objecto d'este capitulo. Tem de apparecer em scena o folheto do sr. Manuel Rousado.

Estará persuadido, o auctor da critica litteraria ao poema de D. Jaime, que a carta que dirigiu a Anthero do Quental, tem pilhas de sal?!!

Se assim é, muito se engana. Os que leram aquelle *enjoativo folheto*, tiveram nos labios o riso dos antigos Oscas. O rio Lethes levou a lamã que alli havia, e na enchurrada foram as mais semsaborias.

Estão sempre para ahi a gritar que não ha critica litteraria n'esta terra! E na verdade assim é. A critica que anima e fortifica, succedeu a descompostura, o aviltante gracejo e... e mais nada.

É por isso que, não me repugnou ler o folheto do sr. Rousado. É um papel com lettra redonda como qualquer outro.

Lel-o e não ver, é uma e a mesma cousa!

D'elle nada mais diremos.

Qual seria o povo mais feliz do que o nosso, se todos os que se dizem seus defensores, o fossem! Muitos ha hoje, que seguem á risca frei Thomaz!

É injustamente censurado o auctor das *Odes Modernas*, e porque?

Será, por ter dado publicidade a esse livro em que elevou a voz a favor da humanidade, a favor do fraco e a favor do pobre?...

Quem tem repugnancia deler aquelles brados a favor dos povos que ainda jazem no carcere da masmorra?...

Será, porque elle quiz despir as galas que competem só á virtude, e de que a hyrocrisia se tinha apoderado?

O que é certo é que, mais tarde ou mais cedo se

hade saber quem é o homem que hoje n'um fraco baixel vae sulcando as adversas ondas do vasto oceano.

Sim, mais tarde se reconhecerá quem é Anthero do Quental !

Esse poeta que é tido hoje por alguns, por um *simples* idealista, não vê longe o dia em que, o hão-de collocar no throno dos grandes homens.

O Hercules da Idéa não será então considerado *he-reje*. O apostolo da virtude, e defensor activo da Liberdade não será conhecido por um *revolucionario* !

Elle tem já o fogo do genio dos grandes homens, porque quer regar os louros e corôas com que o hão-de cingir, com seus proprios suores. É independente como são todos os que vivem do seu trabalho e não necessitam elogios para subir.

A tempestade que ahi se levantou contra elle, foi mais uma prova da sua muita valia.

E se assim não foi, para que acordaram logo os *Promotheus* litterarios d'esta nossa Lisboa? Não seria por reconhecerem abalado o seu templo?

Anthero do Quental, hade ir sepultanto a vigilancia da inveja, O fogo da alma, é a origem de seus sentimentos : a crença, o vulcão de sua grandes idéas !

Difficil è encontrar um rochedo que, sobranceiro ao mar se conserve firme, sem que as temiveis ondas e rijos ventos, o façam mover.

Tambem n'este seculo, é rarissimo encontrar muitos homens que, açoutados pela inveja e pela calumnia, se conservem a sangue frio, no seu posto. Ninguem se me atreva a negar que, isto não é raro, n'este tempo em que as conveniencias e os interesses pecuniarios são, para assim dizer, a honra da maior parte dos homens de todas as classes.

Isto passa-se no coração de um paiz da Europa civilisada ! !

É inútil querer fazer parar o genio, quando é ajudado pelo enthusiasmo da mocidade.

De que servirão pois, essas pedrinhas que lhe querem antepor ao Capitolio?... Para que essas ninharias e intrigas?...

Bem diz um meu respeitavel amigo que, esses troços são feitos para retardar a hora de os ir o merito verdadeiro, expulsar do pedestal em que se acham.

E não póde ser para outro fim. A inveja a tudo se atreve, menos em deixar de ser cobarde, traiçoeira e deshonesto!

#### IV

O folheto que o sr. Julio de Castilho escreveu em defesa de seu respeitavel e bom pae, acaba de me encher os olhos! A leitura d'essas 40 paginas provocaram-me taes vomitos que, imaginei por momentos, me tinham dado de beber agua salgada com azeite!

Eu não sei se na região dos *factos* a franqueza — é peccado! — Se o é, grande peccador é esta *creança* que mal *engatinhando* veio lançar á luz da publicidade algumas innocentes e descarnadas palavras...

Será possivel que: — quando os povos das principaes nações da Europa ainda, nem de todo partiram as cadeias que lhe impediam de dar um passo; — quando o pensamento acaba de romper as nuvens que lhe tol davam a intelligencia: será possivel? — repito, que: — quando a *falsa* humanidade está prestes de receber o sagrado diploma de verdadeira humanidade; — venha *alguem* abafar com a negra capa dos seculos que, já lá vão: — *o céo moderno!*

Não se assustem as *creanças* de 1817 que, este — céo moderno — é o da liberdade!

Quem disse ao sr. Julio de Castilho que, não res-

peitavam nem as cans e um *homem de sessenta e cinco annos* ! Ninguém.

Porque, quem ha ali que, as não respeite até à idolatria?...

Mas, quando a penna de um *homem de sessenta e cinco annos* que tantas vezes tem saudado a liberdade da consciencia ; que, tantos hymnos lhe tem dedicado sua lyra : — quando esse mesmo homem escreve uns *periodos* <sup>1</sup> em que, parece querer tapar a bocca d'aquelles que não seguem suas idéas, que não obedecem ao seu *codigo litterario* ; — quando finalmente um *homem de sessenta e cinco annos* assim quer abafar o sagrado bem da liberdade do pensamento e da palavra... então.... eu não sei, se o respeito que — nunca — se negou ás cans se poderá continuar a tributar á penna !

Lastimo que, Deus cubrisse de nuvens os olhos do sr. Feliciano de Castilho ; mas lastimo ainda muito mais que, o auctor do bello drama *Camões*, quizesse por propria vontade, de nuvens toldar sua intelligencia.

E, quando as antigas idéas tentam levantar-se contra as novas ; — quando os apostolos das primeiras imaginam que teem força de pulverisar, ou pisar aos pés as segundas ; quando o atrevimento de algumas loucas cabeças chega a esse ponto, torna-se necessario que, alguem rasgue o véo da modestia a uns, e arranque a mascara da hypocrisia a outros.

Os que tem por chefe de *escola litteraria* o sr. Feliciano de Castilho, espantaram-se de ver *inundações* de novas idéas !

Tambem os Carthaginezes, não conheciam o instrumento com que os romanos bateram aos muros de Carthago ! Mas que é isto de idéas novas ? Que sustos são esses, *senhores gigantes* ?

<sup>1</sup> Allude áquellas que foram o tiro d'esta revolução litteraria, e que se encontram no artigo de critica que, acompanha o « Poema da Mocidade » do sympathico escriptor o sr. Pinheiro Chagas.



Apresentem-nos idéas que, não sejam, ou novas pela antiguidade, ou novas pela novidade.

Dizeis que, uma idéa é má por ser nova! Pois bem; o que ha no mundo — *velho* — que primeiro não fosse — *novo*? — qual a idéa que nascesse velha? qual o oiro que antes não fosse terra? qual o *velho* — que, primeiro não fosse — *creança*?...

Se as idéas que hoje nascem são más, por serem novas; porque as não deixam envelhecer?! — Para que as condemnam emquanto novas?!

Será, para que ellas temendo a *vibora* desapareçam? Será, para que essa filha gerada pelo tempo, morra á nascença?

Seja para um fim, seja para outro; ambos elles são aviltantes... são só dignos do irracionalismo!

Do andar do tempo, é que nascem as idéas. Como querem pois homens... e homens christãos (note-se bem) reagir contra a Providencia?!

Admiram-se que, as *creanças* de 1865 tenham outras idéas e crenças, que, as de 1817!

É, porque as *creanças* de 1817, por mais que cavassem no terreno da sua intelligencia nunca acharam minas de oiro novo; — é, porque esses nautas do vasto Oceano da Poesia, não tiveram coragem de ser novos Colombos; — é, porque emquanto se está debaixo das copadas arvores do Tibur, não se vê outro céu!

Mas, deixemo-nos de historias! — Bem dizia o nosso padre Vieira (conhecem?... ) que, *os que condemnam as cousas novas são aquelles que não podem dizer senão as muito velhas, e póde ser, que muito remendadas.*

Que tal?... Esta bofetada, sem mão, d'um seu *conhecido* e *amigo*, não esperavam os *senhores gigantes*.

Desenganem-se por uma vez que, no mundo litterario só tem superioridade a intelligencia, o talento, o genio.

Gigantes não os ha! — E se os houvesse, não seriam julgados como taes, os que a si ou por seus filhos, se inculcam.

Diz-se alli <sup>1</sup> que, o *gigante não desce a responder ao pygmeo*.

Isto dito na republica das letras não é insulto nem offensa que se dirige; é, sim cobardia da parte de quem o diz.

É tempo de concluir:

O folheto a que me estou referindo, e que pela demora parecia que havia de vir alguma *Pancarpia* nunca vista; não é mais do que um centão litterario, onde se quer estabelecer como superioridades não o talento, não o genio, — mas a idade.

Não são dignos de se apresentar em campo da discussão, a combater com o ex.<sup>mo</sup> sr. Feliciano de Castilho, senão os que tiverem o grande predicado — indispensavel: — cans!

É singular!... É originalissimo!...

---

Eu creio que, no que ahi fica escripto não faltei ao respeito que se deve tributar aos homens que teem já nome no mundo litterario.

Não me accusa a consciencia de ter faltado aos deveres de civilidade.

A respeito das idéas (boas ou más) que apresento, com a mão no coração o declaro que, — são as que tenho.

Se a memoria me não é ingrata, os fanaticos de Cromwell matavam quem não cria em suas idéas; a inquisição fazia a mesma brincadeira aos que não resavam

<sup>1</sup> No folheto do sr. J. Castilho.

em latim ou não comiam toucinho; os jacobinos, diznos Garret, que, enforcavam todos os que, não professavam a republica uma e indivisivel.

Se algum dia se lembrarem de fazer o mesmo aos que, não seguem *tim-tim* por *tim-tim*, as idéas do ex.<sup>mo</sup> sr. Feliciano de Castilho, não pensem que, prestarei homenagem ao que hoje é julgado o phenix da poesia moderna.

Se isso acontecer, optarei pelo modo por que morreram: André Chenier, Chattertont e Dante.

15 de dezembro de 1865.

RUI DE PORTO CARRERO.



HOS

ETEOROLOGICO

. LUIZ

YTECHNICA

-1855).



PQ  
9050  
P6

Porto Carrero, Rui de  
Lisbon, Coimbra e Porto

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 05 04 13 024 9